

SURDOS DO BRASIL E DO CANADÁ: DIFERENTES LÍNGUAS, UM SÓ POVO

DEAF PERSONS FROM BRAZIL AND FROM CANADA: DIFFERENT LANGUAGES, ONE SINGLE PEOPLE

Mariângela Estelita Barros¹

Submetido em 13 de março e aprovado em 29 de abril de 2013

Resumo: O artigo intitulado “Surdos do Brasil e do Canadá: diferentes línguas, um só povo” trata de um estudo comparativo entre a comunidade surda do Quebec, mais especificamente de Montreal, e do Brasil, incluindo suas organizações e suas línguas. Ao longo do artigo, demonstra-se, com o auxílio do sistema de escrita de línguas de sinais – ELiS, que as duas comunidades em questão utilizam línguas de sinais diferentes. No entanto, reconhece-se que, mesmo frente à diversidade, surdos do Brasil e do Canadá fazem parte de um mesmo povo, o povo surdo, dadas as semelhanças históricas e atuais entre essas comunidades.

Palavras-chave: surdos, Brasil, Canadá, línguas de sinais, ELiS.

Abstract: The article entitled “Deaf persons from Brazil and from Canada: different languages, one single people” is a comparative study between the deaf community from Québec, precisely from Montréal, and from Brazil, including their social organizations and languages. The demonstration that these two deaf communities use different languages was made by the transcription of data in both sign languages, using the sign language writing system called ELiS. In spite of all diversity, deaf persons from Brazil and from Canada can be identified as part of the same people, the deaf people, due to the historical and present similarities between these two communities.

Keywords: deaf, Brazil, Canada, sign language, ELiS.

¹ Professora do curso de Letras: Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: <mariangelaestelita@yahoo.com.br>

Comunidades de surdos de todo o mundo utilizam línguas de sinais, umas diferentes das outras, como principal meio de expressão linguística. Isso quer dizer que, diferentemente do que muitos leigos pensam, não existe uma língua de sinais única e universal, utilizada por surdos do mundo todo; significa também que a maioria dos surdos não se comunica prioritariamente por meio de leitura labial ou de oralização, mas sim por uma língua de sinais. Sendo assim, as línguas de sinais são reconhecidas como um dos principais artefatos culturais do povo surdo.

Os objetivos deste artigo são produzir uma discussão envolvendo a questão social dos surdos enquanto povo, embasada em autoras que trabalham na área de estudos culturais e, dentre eles, os estudos surdos, e abordar a diversidade entre as línguas de sinais do Canadá e do Brasil, discutindo fatos linguísticos apresentados por meio do sistema de escrita de línguas de sinais, a ELiS.

O povo surdo

Como falar em povo surdo se há surdos no mundo todo, habitando diferentes países com diferentes culturas? O que há em comum entre surdos de diversas partes do mundo para que eles se considerem um só povo? Há que estarmos atentos para a maneira como os próprios surdos se narram ou se definem, a fim de não cairmos no etnocentrismo “ouvintista”, que vê e define o surdo a partir do ponto de vista de quem não é surdo.

Karin Ströbel, brasileira, surda e doutora em educação, define povo surdo como o conjunto de sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço (STRÖBEL, 2008).

Gladis Perlin, também brasileira, surda e doutora em educação, re-

conhece-se como surda e como partícipe do povo surdo. Em suas palavras, somos o surdo, o povo unânime reunido na autopresença da língua de sinais, da linguagem que evoca uma diferença dos outros povos, da cultura visual, do jeito de ser. Somos alteridades provadas pela experiência, alteridades outras. Somos surdos! (PERLIN, 2003, p. 92)

Vemos que, diferentemente da conceituação jurídica que define povo como o conjunto de cidadãos de um país, vinculados a um estado, estamos frente a uma definição cultural de povo, ou seja, um conjunto de pessoas que se identificam por semelhanças culturais. E desde que conceitos biológicos e geneticistas de cultura foram abandonados, esta vem sendo percebida como um conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, moral, arte, leis, enfim, como um sistema simbólico, como uma forma de significar e dar sentido ao mundo, compartilhada entre membros de uma mesma sociedade e que lhe constitui como unidade, mesmo dentro da diversidade.

Assim, Ladd (in PERLIN, 2003, p. 121) afirma que “existe um senso Surdo de ser, tanto dentro do indivíduo, quanto no coletivo”, afirmação corroborada por Perlin, ao mencionar: “as certas coisas que gostaríamos de ter, ser e fazer [como surdos]” (PERLIN, 2006, p. 9). Ströbel (2008), sendo mais específica, afirma que “dentre os artefatos principais da cultura surda estão as experiências visuais e as linguísticas, essenciais para o povo surdo”. E completa enumerando demais elementos dessa cultura, como “a história dos surdos, as piadas em língua de sinais e expressões faciais/corporais, a literatura surda, a arte surda, a pedagogia surda e outros” (STRÖBEL, *Entrevista com Karin Ströbel*, 2012).

A história da educação de surdos, por exemplo, é um fator significativo de união entre eles, pois é composta por movimentos de repercussão mundial que afetaram, e ainda hoje afetam, de maneira determinante, os tipos de relacionamentos sociais e mesmo familiares que os surdos mantêm. Os “heróis” e “vilões” dessa história são conhecidos de todo o

povo surdo e ausentes da história da educação dos ouvintes. Os nomes de l'Épée, Gallaudet e Stokoe representam verdadeiros marcos históricos nas abordagens gestuais, assim como os de Graham Bell e Heinicke nas abordagens oralistas.

Com o objetivo de conhecer particularidades da realidade da comunidade surda do Quebec, Canadá, mais especificamente da cidade de Montréal, realizei visitas a várias instituições nessa cidade, com o apoio do Ministère des Affaires Étrangères et du Commerce International du Canada. Ao buscar informações a respeito do objetivo e da estrutura dessas instituições, constatei inúmeras semelhanças entre a história, a cultura e o modo de ser e agir da comunidade surda do Quebec e a comunidade surda brasileira.

O *Centre de la Communauté Sourde du Montréal Métropolitain*, CCSMM, me foi uma instituição especialmente preciosa para a observação e a interação com a comunidade surda quebequense e também para a coleta informal de narrativas de surdos canadenses e de surdos oriundos de vários outros países, como Portugal, Colômbia, Cuba, Irã, Espanha, Itália, que haviam imigrado para o Canadá, alguns há vários anos; outros, recém-chegados.

Tive o privilégio de participar da *Fête du Canada* nessa instituição, juntamente com mais de duzentos surdos. No evento, foi servido jantar, regado a apresentações culturais que, como não poderia deixar de ser, em um encontro surdo, tanto no Canadá quanto no Brasil, constava de apresentação de peça teatral e um “momento comédia”, que nesse dia foi a contação de piadas e também um concurso de *stand up*.

As histórias que me foram contadas, informal e amistosamente, vi-nham recheadas de uma infância solitária, silenciosa, em que reinava o oralismo, orientação educacional/social que afetou surdos do mundo todo. Invariavelmente nas referidas histórias, tão obrigatório quanto contar a

data ou o local onde nasceram, era mencionar o encontro surdo-surdo, o momento em que conheceram outros surdos, em que se descobriram surdos e em que descobriram a língua de sinais. Esse momento de deslumbramento só não foi mencionado por quem era filho de surdos e havia crescido, usando língua de sinais na convivência familiar, sabendo-se surdo.

Tais histórias em comum, vividas por surdos de diferentes países, deram-me a impressão de estar conversando com algum amigo surdo brasileiro e até me fizeram esquecer que eu estava em outro país, pois estava no mesmo lugar comum, compartilhava as mesmas maravilhas e os mesmos sofrimentos que conheço no Brasil. Tive uma compreensão muito concreta do que eu já havia estudado acerca do que é o “povo surdo”.

Além disso, “pequenas” coisas que aprendi na convivência com a comunidade surda brasileira valiam também no Canadá, como não sinalizar no meio da conversa de alguém, luzes que se acendem e apagam em uma sala para chamar a atenção dos surdos, a discussão no meio de uma conversa relativa à forma correta de determinado sinal, a presença de intérpretes para a interação com ouvintes, a solidariedade entre os membros da mesma comunidade, o respeito à hierarquia de seus líderes e, ao mesmo tempo, a relação de amizade que eles mantêm com os demais. Nada disso me era estranho.

Em outra instituição, a *Association du Québec pour Enfants avec Problèmes Auditifs (AQEPA)*, conheci programas de estimulação precoce da oralização para crianças surdas, a maioria com implante coclear. Essa instituição, nascida há mais de quarenta anos, como associação de pais de crianças surdas, foca seu trabalho na valorização da comunicação oral entre pais/mães e seus filhos surdos, por meio de recursos lúdicos. Para tanto, a AQEPA mantém dois programas: *Plaisir de Lire* e *Joujouthèque*, que constam do empréstimo de livros e jogos, respectivamente, para os pais/mães interagirem com seus filhos surdos em casa, após receberem

orientação de membros do programa.

Apesar de essa instituição não desabonar as línguas de sinais, a comunidade surda local não a vê com muito bons olhos, por interpretar que ela estimula o oralismo e enfraquece as línguas de sinais, quando, na verdade, apenas estimula quem já tem o implante coclear. Aliás, o movimento contra o implante coclear, comum entre surdos do Brasil (REZENDE, 2010), encontra ressonância também na comunidade surda do Quebec, que vê a intervenção como uma forma invasiva, que ameaça sua língua e cultura e não produz os resultados prometidos.

Frente a essa questão sociolinguística com implicações educacionais diretas, os surdos se organizam em movimentos de defesa do reconhecimento oficial de sua língua de sinais e da criação de escolas bilíngues para crianças surdas, conforme se deu na *Journée Mondiale des Sourds*, ocorrida em 24 de setembro de 2011, em Montreal. Em Brasília, a passeata em comemoração aos dez anos de reconhecimento das Libras no Brasil, em 24 de abril de 2012, ocorreu em forma de movimento nacional e teve como principal bandeira a reivindicação da criação de escolas bilíngues para surdos.

Após oito anos de pesquisa longitudinal, realizada em colaboração entre o *Groupe de recherche sur la LSQ et le bilinguisme sourd* da *Université du Québec à Montréal (UQÀM)*, a escola binlíngue *Gadbois* e o *Institut Raymond-Dewar*, o Ministério da Educação, Lazer e Desporto do Canadá reconheceu, em 2006, a abordagem bilíngue como o modelo educacional mais adequado para as crianças surdas gestuais, ou seja, aquelas que se comunicam principalmente por uma língua de sinais. Porém, a comunidade surda do Quebec luta ainda pelo reconhecimento oficial de sua língua. No Brasil, as lutas são as mesmas, porém, os resultados, diferentes: a comunidade surda conquistou o reconhecimento de sua língua em 2002, e a luta atual reside na criação de escolas bilíngues.

Movimentos surdos de várias partes do mundo, e não apenas no Brasil e no Canadá, estão reivindicando educação bilíngue para as crianças surdas. Várias pesquisas já foram realizadas sobre o bilinguismo na educação de surdos e comprovaram a superioridade dos seus resultados sobre o de outras abordagens educacionais. No entanto, é estarrecedor o fato de que governos de inúmeros países insistam na posição contrária, “fechando seus ouvidos aos surdos” e à ciência educacional.

Alguns ouvintes criticam surdos de nossos tempos que ficam relembrando o malfadado Congresso de Milão, a partir do qual o oralismo tornou-se uma imposição não apenas na escola, mas na vida familiar e social do surdo. Dizem que os tempos são outros. São mesmo? Naquele congresso,

os sujeitos surdos reclamaram, mas não foram ‘ouvidos’ e foram emudecidos injustamente, porém jamais esqueceram pois permanece uma marca no coração com feridas que depois de muitos anos de agonias, [...] vão aos poucos sendo confortadas e estão cicatrizando. (STRÖBEL, 2008, p. 113)

Ainda hoje, surdos do mundo todo escancaram, para quem quiser, sua reivindicação educacional; contudo, são novamente emudecidos e ignorados.

O Congresso de Milão, apesar de ter ocorrido em 1880, é uma realidade muito próxima do povo surdo atual, principalmente dos integrantes que hoje são adultos. Em virtude de os surdos e seus familiares terem sido proibidos de usar a língua de sinais e de a maioria deles não ter sido bem-sucedida na aquisição das línguas orais, os surdos foram relegados a uma condição de isolamento social. Esse isolamento se reproduz, ainda hoje, dentro de suas próprias famílias, pois apesar de haver o convívio físico, as relações afetivas e o desenvolvimento cognitivo ficam extremamente comprometidos sem uma língua para intermediá-los. Assim, linguisticamente isoladas do mundo, as crianças surdas ficam muito vulneráveis a todo o

tipo de perigos que uma sociedade doente e corrompida pode oferecer.

Na história da educação dos surdos, há um capítulo posterior ao Congresso de Milão, contemporâneo ao movimento oralista, que é recorrente em diferentes comunidades, resguardadas as diferenças, e que ninguém gosta de relembrar: os surdos, pelos sofrimentos aos quais foram submetidos, os ouvintes, para ocultarem a culpa.

O capítulo mencionado, aterrorizante aliás, aborda os maus-tratos e os abusos sexuais a que eram submetidas crianças surdas em escolas, principalmente nos internatos. No Brasil, há o pungente estudo realizado por Ströbel (2008), baseado em narrativas feitas por ex-alunos da primeira escola privada para surdos de Curitiba. Em Montreal, histórias semelhantes vieram à tona em junho deste ano, por meio de matéria no *Journal de Montréal*, a qual, além de divulgar as histórias revoltantes, descortina também os nomes dos agressores e dá força à ação judicial que as vítimas, hoje adultos, estão movendo contra eles.

É importante enfatizar a complexidade da questão em foco, que é, ao mesmo tempo, social, linguística, educacional e familiar: as crianças surdas eram as vítimas preferidas porque não conseguiam contar a ninguém o que se passava com elas; nem mesmo seus pais eram capazes de se comunicar com elas. Ficaram à mercê de seus algozes porque foram emudecidas pelo oralismo. Paradoxo.

Como se vê, as consequências de uma escolha pedagógica para a educação dos surdos, feita há mais de 130 anos, estão mais próximas do que os ouvintes alheios à comunidade surda podem imaginar. Ainda assim, recusam-se novamente a atender as reivindicações dos surdos quanto à melhor abordagem educacional para eles, a qual, conforme já vimos, em muitos casos, é determinante para o tipo de relações linguísticas, sociais e familiares que serão construídas em suas vidas.

Diferentes línguas

Surdos do mundo todo se solidarizam nas mesmas lutas e sofrimentos e se regozijam com as conquistas uns dos outros, o que os une. Porém, obviamente, cada surdo tem sua personalidade e cada comunidade local de surdos tem suas particularidades, como o uso de diferentes línguas de sinais.

No Canadá, são usadas a Língua de Sinais Americana (ASL – *American Sign Language*) e a Língua de Sinais do Quebec (LSQ – *Langue de Signes du Québec*). No Brasil, também há duas línguas de sinais, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que é utilizada em todo o território nacional e a Língua de Sinais Urubu-Kaapor, restrita aos índios Urubu-Kaapor, que habitam no sul do estado do Maranhão.

Serão demonstradas, a seguir, em um texto simples e breve, algumas semelhanças e diferenças entre a LSQ e a Libras, nos níveis lexical e gramatical. Para tanto, apresentaremos um mesmo texto em LSQ e em Libras, ambos escritos com o sistema ELiS (Escrita das Línguas de Sinais).

Para contextualizar, explico que a ELiS é um sistema de escrita das línguas de sinais criado em 1998 pela linguista brasileira Mariângela Estelita, autora do presente artigo. O sistema é de base alfabética, ou seja, seus caracteres, denominados visografemas, representam elementos da segunda articulação da linguagem, os quais, nas línguas de sinais, são os elementos visuais formadores dos sinais, a saber: configuração de mão, orientação da palma, ponto de articulação, movimento e expressões não manuais.

Mesmo se o leitor não tiver domínio do sistema ELiS, a apresentação bilíngue dos textos – LSQ/francês e Libras/francês – permitirá perceber que um mesmo item lexical do francês é traduzido diferentemente para a LSQ e para Libras, ou seja, a realização cinético-visual dos sinais nas duas línguas é diferente.

Os textos serão apresentados na seguinte ordem das versões: 1) texto

Na escrita do sinal “BILINGUE”, a única diferença (expressa na escrita do último visografemas) é o movimento: na LSQ, o movimento é para baixo, aproximando-se os dedos médio e indicador da mão direita; na Libras, o movimento também é para baixo, porém, acrescido de uma leve rotação do antebraço.

O sinal “GRAMMAIRE”, em ambas as línguas, é inicializado, ou seja, realizado com a configuração de mão, que representa a inicial de sua tradução para a língua oral, nesse caso, a letra “G”. A grande diferença é que a configuração de mão em “G” em LSQ e em Libras é diferente. No entanto, os sinais são muito parecidos, pois tanto em LSQ quanto em Libras, são realizados por uma aproximação das duas mãos em “G” e um posterior afastamento acompanhado de rotação do antebraço.

Em “FRANÇAIS”, dá-se o mesmo: um sinal inicializado pela configuração de mão em “F”, que é diferente em LSQ e em Libras, e o mesmo movimento. Nesse sinal, há uma outra diferenciação, que é o ponto de articulação: na LSQ, lateral direita da testa; na Libras, espaço à frente do rosto.

“ÉCRIT” em LSQ e em Libras apenas se diferenciam pela configuração de mão. Em Libras, tem-se um classificador de “handling”, ou seja, a configuração de mão representa o ato de segurar, nesse caso, uma caneta. Em LSQ, a configuração de mão parece ter perdido esse elemento de iconicidade.

O sinal “ÉCOLE”, em Libras, é um sinal composto, formado pela justaposição dos sinais de “CASA” e “ESTUDAR”, com o apagamento dos movimentos de ambos. Em LSQ, é um sinal simples, formado apenas pelo sinal para “ESTUDAR”, o que os torna semelhantes.

Mesmo o texto recém-apresentado sendo breve, foi suficiente para encontrar sinais das duas línguas, que apresentam identidade total, como em:

Francês	Il y a deux écoles: Gadbois et Lucien Pagé.
ELiS/LSQ	2 (DEUX) //it̩t̩-↓: (ÉCOLE): 1.̩1.̩t̩t̩-↓: (UNE), //it̩t̩-↓: (ÉCOLE) it̩it̩t̩t̩t̩-† (“SIGNE-NOM” GADBOIS); 1.̩1.̩t̩t̩t̩t̩-↓: (AUTRE), /h̩t̩=̩←: (“SIGNE-NOM” LUCIEN-PAGÉ).
ELiS/Libras	//it̩t̩-↓: //it̩t̩ (ÉCOLE) 1.̩1.̩t̩t̩ (AVOIR) 2 (DEUX): 1.̩1.̩t̩t̩-↓: (UNE), h̩<h̩/h̩<h̩. (G-A-D-B-O-I-S), 1.̩t̩t̩ (SIGNE) //it̩it̩t̩t̩t̩-† (GADBOIS), 1.̩1.̩t̩t̩t̩t̩-↓: (AUTRE) 1.̩h̩<h̩<h̩h̩. (L-U-C-I-E-N) /h̩h̩<h̩ (P-A-G-É), 1.̩t̩t̩ (SIGNE) /h̩t̩=̩←: (LUCIEN PAGÉ).

Na tradução para a Libras, foi preciso incluir a soletração dos nomes das escolas, por serem desconhecidas da comunidade surda brasileira. À parte tal diferença, a estrutura é a mesma: por catáfora, anuncia-se a existência de duas escolas, as quais vêm citadas logo após, por processo de enumeração, usando-se sinais idênticos (“UNE” e “AUTRE”).

Com as comparações estabelecidas, pretende-se mostrar diferenças e semelhanças lexicais e gramaticais entre a LSQ e a Libras. Além disso, comprova-se a possibilidade de essas duas línguas serem escritas com o mesmo sistema, a ELiS, o que pode vir a ser mais um fator de união entre as duas comunidades de surdos em estudo.

Assim, por todas as semelhanças históricas e atuais entre surdos do Brasil e do Canadá, a despeito de habitarem países tão diferentes, de usarem línguas diferentes, reconhecemos neles a identidade de um mesmo povo: o povo surdo.

Referências

LADD, P. *Understanding deaf culture: in search of deafhood*. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

PERLIN, G. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PERLIN, G. Surdos: cultura e pedagogia. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Orgs.). *A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006. p. 67-85.

REZENDE, P. L. F. *Implante coclear na constituição de sujeitos surdos*. Tese (Doutorado). Florianópolis: UFSC, 2010.

STROBEL, K. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Tese (Doutorado). Florianópolis: UFSC, 2008.

STRÖBEL, K. *Entrevista com Karin Ströbel*. Por Luiza Oliva. Disponível em: http://www.feneis.com.br/page/noticias_detalhe.asp?cod=783. Acesso em: 20 ago 2012.

www.francaisenmains.uqam.ca . Acesso em: 02 ago 2012.

www.csdm.qc.ca . Acesso em: 02 ago 2012.

www.wix.com/elislibras/home . Acesso em: 18 set 2012.